

Este artigo é parte integrante da

revista.batistapioneira.edu.br

# REVISTA BATISTA PIONEIRA

BÍBLIA ▪ TEOLOGIA ▪ PRÁTICA

ONLINE ISSN 2316-686X - IMPRESSO ISSN 2316-462X

Vol. 10 ▪ n. 1 ▪ Junho | 2021

## COSMOVISÃO CRISTÃ E A ÉTICA DO REINO DE DEUS NO CONTEXTO DAS BEM-AVENTURANÇAS DE MATEUS 5.1-12

CHRISTIAN WORLDVIEW AND THE ETHICS OF THE KINGDOM OF GOD  
IN THE CONTEXT OF THE BEATITUDES OF MATTHEW 5.1-12

Esp. Eliú de Souza Ferreira<sup>1</sup>

Dr<sup>a</sup> Gleyds Silva Domingues<sup>2</sup>

### RESUMO

Esse artigo tem como objetivo investigar os conceitos de cosmovisão e

<sup>1</sup> Mestrando em Teologia pela FABAPAR – Faculdades Batista do Paraná. Bacharel em Teologia pelo SEAB – Seminário Evangélico Avivamento Bíblico com integralização pela FATEO – Faculdade de Teologia da Igreja Metodista. Pós-graduado em Filosofia da Religião, pela UMESP – Universidade Metodista de São Paulo. Também pastor na Igreja Evangélica Avivamento Bíblico e professor de filosofia e teologia nessa mesma denominação. Artigo produzido para a disciplina cosmovisões e formas de interpretação teológica na formação humana. E-mail: eliuferreira123@hotmail.com

<sup>2</sup> Pós-Doutora em Educação e Religião. Doutora em Teologia. Mestre em Educação. Professora do Programa de Mestrado Profissional em Teologia das Faculdades Batista do Paraná e do Programa de Mestrado em Ministérios da Carolina University. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Práxis Educativa na Formação e no Ensino Bíblico. Pesquisadora do Núcleo Paranaense de Pesquisa em Religião (NUPPER). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Laboratório Currículo e Formação de Professores - LAPPUC. Orcid 0000-0002-4254-321X. E-mail: professora.gleyds@fabapar.com.br

ética, visando apresentar a correlação existem entre os temas e aplicabilidade na ótica cristã, bem como analisar o conceito sobre o Reino de Deus e a ética que o norteia. A questão fundamental, que tentará ser respondida será: como é possível estabelecer a cosmovisão cristã e a ética do reino de Deus na vida prática das pessoas tendo como ponto de partida “As Bem-aventuranças”? Para se compreender melhor os argumentos, serão utilizados como aporte teóricos Dodd (2010); Ladd (2003); Geisler (2008); Lloyd-Jones (2011); dentre outros. Os métodos investigativos que delinearão o processo de construção da pesquisa são os métodos hipotético-dedutivo. O problema suscitado por uma inquietação precisa receber uma resposta, portanto, diante de várias hipóteses, será proposto uma possibilidade de entender a pergunta apresentada. Por esse motivo é preciso entender os termos cosmovisão cristã, ética, reino de Deus e bem-aventurança, a partir desse entendimento o indivíduo busca fundamentar-se numa visão de mundo verdadeira e que o leva a esperança da existência no reino de Deus.

**Palavras-chave:** Cosmovisão Cristã. Ética. Reino de Deus. Bem-Aventurança.

## ABSTRACT

This article aims to investigate the concept of cosmivision and ethics, aiming to present the correlation between the themes and applicability from a Christian perspective, as well as to analyze the concept of the Kingdom of God and the ethics that guide it. The fundamental question that will try to be answered will be: how is it possible to establish the Christian cosmivision and the ethics of the kingdom of God in the practical life of the people, having as a starting point “The Beatitudes”. To better understand the arguments, theoretical contributions will be used Dodd (2010); Ladd (2003); Geisler (2008); Lloyd-Jones (2011); among others. The investigative methods that will outline the research construction process are the hypothetical-deductive methods. The problem raised by a concern needs to receive an answer, therefore, faced with several hypotheses, a possibility of understanding the question presented will be proposed. For this reason it is necessary to understand the terms cosmivision, ethics, kingdom of God and blessedness, from this understanding the individual seeks to base himself on a true worldview that leads him to hope for existence in the kingdom of God.

**Keywords:** Christian Worldview. Ethics. Kingdom of God. Bliss.

## INTRODUÇÃO

O desafio de analisar a conduta do ser humano sempre será grande, porém, mesmo sendo uma verdade, desistir de analisar é deixar de se preocupar com a condição humana frente à realidade de visões e atitudes destrutivas, pois, quando se sabe fazer o bem, mas não o faz, age-se contrário à vontade de Deus.<sup>3</sup> Portanto, ao se conhecer a cosmovisão cristã e percebê-la como fundamento indispensável para a existência humana, é necessário proclamá-la em todos os lugares, principalmente porque ela traz como um de seus pressupostos a valorização da vida e da dignidade da pessoa humana.

O estudo da cosmovisão cristã, da ética e do reino de Deus a partir das bem-aventuranças, não se restringe apenas às classes cristãs, antes esse estudo precisa estar disponível para que se tenha compreensão sobre o sentido da vida e existência humana, que se firma na natureza doxológica, ou seja, da glorificação; por esse motivo, tentar monopolizar o conhecimento da forma de vida proposta por Deus em Cristo para suas criaturas, é deixar de cumprir o imperativo categórico: ame ao próximo.

Os princípios revelados nas Escrituras Sagradas apresentam uma forma universal de interpretação e comportamento vivencial para os seres humanos, e esses quando apreendidos, compreendidos e aplicados, promoverão transformações no indivíduo e na sociedade em que se está inserido.

Defende-se, ainda, que os valores do reino de Deus requerem aplicabilidade prática na vida, aliás, qualquer valor só ganha significação na vida, quando é aplicado em situações reais e relacionais, contrário a isso, seria permanecer simplesmente como um aglomerado de itens distanciados da vida e dos relacionamentos.

Nesse diapasão elege-se como problemática a seguinte inquietação: de que maneira o Sermão da Montanha expressa pressupostos éticos, os quais evidenciam a prática do bem viver e que são advindos da lente denominada cosmovisão cristã bíblica?

Para que se possa fazer tal busca, lança-se mão da pesquisa descritiva e explicativa. A primeira, porque trabalha na perspectiva da evidenciação do fenômeno, apresentando seus pontos e contrapontos; e a segunda, porque

<sup>3</sup> Referência ao texto bíblico de Tiago 4.17.

objetiva a explicitação do fenômeno, a partir de seus conceitos e definições. Intenciona-se com o caminho teórico-metodológico delineado tentar responder as inquietações ou lançar luzes sobre o objeto investigado.

Por esse motivo, ressalta-se a importância de se debruçar sobre a porção bíblica conhecida como Sermão da Montanha, tendo como destaque as Bem-Aventuranças (Mt 5.1-12), a fim de pensar sobre a cosmovisão cristã e a conduta que o ser humano precisa ter para, então, alcançar êxito em seu viver.

Reitera-se ainda que, no contexto das Bem-Aventuranças, a apropriação do conhecimento transmitido pelo Senhor Jesus, é indispensável para gerar no aprendente a atitude de obediência ao que está sendo ensinado, o que indica possibilidade de ação e prática, ou seja, o ensino é factível e pode ser experienciado nas relações humanas. Essa é a defesa e a proposta a ser evidenciada no desenvolvimento do artigo.

De antemão, reconhece-se que o viver bem a partir dos princípios elencados nas bem-aventuranças requer compreensão, desejo, reconhecimento e disposição de seguir o ensino, daquele que está na condição de aprendente, não apenas para ouvir, mas apropriar-se significativamente desses princípios contidos e referendados como valores de uma prática cristã pautada pela ética revelacional de Deus.

## 1. PENSANDO SOBRE ÉTICA, COSMOVISÃO E REINO DE DEUS

A discussão no campo da ética está relacionada ao modo de ser do indivíduo e sua atuação frente à sociedade. Esse modo de ser, ou caráter, diz respeito à conduta que a pessoa adota em forma de costume. Por isso, que o termo ética está ligado etimologicamente a valores assumidos por uma sociedade, assim como o respeito à individualidade do sujeito, que se torna objeto de uma ação.

Em *Ética a Nicômaco*, Aristóteles apresenta o conceito de ética vinculado à virtude, sendo contrária ao vício. Para ele, virtude é “[...] uma disposição de caráter relacionada com a escolha de ações e paixões, e consistente numa mediania [...]”<sup>4</sup>, ou seja, a palavra ética provoca o ato de pensar a respeito das ações que o indivíduo escolherá para si mesmo e para com os outros, e essa precisa visar a busca pelo equilíbrio e bom senso, os quais são definidores da conduta humana.

<sup>4</sup>ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, Coleção a obra-prima de cada autor, v. 53. 6.ed. São Paulo: Martin Claret, 2014, p. 40.

Cortella<sup>5</sup> diz que a palavra ética “[...] no grego arcaico, significa ‘a morada do humano’, o lugar onde nós vivemos. A noção de *ethos* significa o lugar onde nós vivemos juntos e com outros e outras partilhamos essa vida [...]”. Dessa forma, fica bastante claro que existe a necessidade de que se tenha princípios, valores para a boa convivência. Por isso, o tema da ética é bastante discutido, existem reflexões procurando afirmar a existência de múltiplas éticas, assim como é possível propor a sua prática em sua singularidade.

Olhar a ética de forma pluralística é manter o ser humano suspenso no ar, verdadeiramente sem saber quais ações precisa ter e quais decisões deve eleger frente aos dilemas da vida. Se a ética diz respeito tanto a decisões importantes da vida quanto para sua construção, ela ajuda na denúncia de comportamentos destrutivos. Se a ética aponta para uma harmonização social, isso indica sua importância, logo, tratá-la de forma diversa não proporcionará o viver equilibrado que os indivíduos precisam ter para a convivência.

“Numa sociedade pluralista, como a em que nós vivemos, é fundamental a existência de valores éticos definidos que norteiem a conduta dos cristãos, de modo que venham a oferecer um modelo de vida alternativo à sua sociedade [...]”.<sup>6</sup> Por isso, que a discussão sobre ética é bastante intensa, pois, quem, de fato, origina o padrão comportamental para a sociedade?

Na tentativa de responder à pergunta, surgiram ao longo da história diversos conceitos éticos. Geisler<sup>7</sup> descreve vários deles: antinomismo, generalismo, situacionismo, absolutismo, hierarquismo. Essas alternativas estão preocupadas em apresentar, a partir dos seus fundamentos, qual a melhor conduta a se ter frente a um conflito ético, como, por exemplo: “É correto mentir a fim de salvar uma vida? [...] A pessoa conta uma mentira para salvar uma vida, ou sacrifica uma vida para salvar a verdade?”.<sup>8</sup> Contudo, o conflito é instaurado não apenas na decisão de mentir ou não, mas também entre os próprios conceitos éticos, porque mesmo existindo vários, o que se deve fazer quando dois deles se contradizem?

A Bíblia resolve esse conflito, pois apresenta a ética como universal, isto

<sup>5</sup> CORTELLA, Mario Sérgio. **Pensar bem nos faz bem!**: 2. família, carreira, convivência, ética. 3.ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Ferraz & Cortella, 2014, p. 15.

<sup>6</sup> ZABATIÉRO, prefaciando GEISLER, Norman L. **Ética Cristã**: alternativas e questões contemporâneas. 13.ed. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 7.

<sup>7</sup> GEISLER, 2008.

<sup>8</sup> GEISLER, 2008, p. 11.

é, Deus é o fundamento para a prática comportamental dos indivíduos. Se Deus é o criador, então em todas as situações a escolha da ação precisa estar fundamentada no Deus de amor. “[...] O amor, pois, é a única maneira pessoal de relacionar-se com outras pessoas. Tratar as pessoas como coisas é uma caricatura da personalidade [...] (e, pode ser acrescentado, o amor é de Deus, pois Deus é amor”.<sup>9</sup>

Com relação à cosmovisão do indivíduo, que se estabelece, primeiramente, a partir da perspectiva do grupo social de pertença, ganhando certa autonomia com o viver diário e refletido, ela se apresenta como fator preponderante e delimitador das ações, pensamentos e comportamentos. Afinal, para que aconteça uma ação ética que considere o outro como pessoa e não como coisa, é necessário ter uma cosmovisão que proporcione um olhar para o outro como sujeito que está sempre em relação.

É na prática relacional que a cosmovisão ganha significação e aplicabilidade, por isso, que ao olhar para a maneira como cada indivíduo orienta suas escolhas, seus valores e comportamentos, é que se pode identificar os pressupostos que sustentam sua forma de ler e interpretar a realidade.

Nesse sentido, convida-se Buber<sup>10</sup> para ajudar na compreensão sobre tal prática, visto que apresenta as palavras-princípios Eu-Tu e Eu-Isso, em que o “Eu-Tu”, corresponde à relação entre pessoas, ou seja, o sujeito que se aproxima de outro sujeito em busca de relação, isto é, considera-se a pessoa não como uma coisa a ser usada, tal como é expresso na palavra-princípio “Eu-Isso”.

O homem não é uma coisa entre coisas ou formado por coisas [...] Ele não é uma qualidade, um modo de ser, experienciável, descritível, um feixe flácido de qualidades definidas. Ele é Tu, sem limites, sem costuras, preenchendo todo o horizonte [...].<sup>11</sup>

Isso indica que o ser humano vive em relação com o outro cotidianamente. E com o outro, ele afirma e elege percepções sobre a vida, ou seja, ele legitima a sua cosmovisão. Mas o que é cosmovisão? Assim como na ética, cosmovisão também carrega diferentes definições, é uma “[...] dessas palavras fascinantes

<sup>9</sup> GEISLER, 2008, p. 114.

<sup>10</sup> BUBER, Martin. **Eu e Tu**. 10.ed. São Paulo: Centauro, 2001.

<sup>11</sup> BUBER, 2001, p. 55.

e frustrantes que chamam nossa atenção [...]”<sup>12</sup>, todavia o conceito por trás sempre se refere a algo que orienta, que auxilia o indivíduo a fazer uma leitura da realidade, não mais de fragmentos de realidades, mas, sim, olhando para o todo.

A cosmovisão envolve impactos na forma de ser e agir de diferentes grupos sociais, isto porque em seu interior há concepções relacionadas à forma como homens e mulheres tecem leituras sobre a realidade. Essas leituras evidenciam-se no contexto social a partir de decisões e respostas que são dadas frente às problemáticas levantadas na realidade.<sup>13</sup>

Domingues deixa bem claro, que a cosmovisão trabalha com questões que são essenciais para a vida do ser humano, decisões éticas que as pessoas precisam tomar, na tentativa de solucionar as problemáticas existenciais. Ela continua dizendo que as respostas “[...] não são neutras, antes elas evidenciam as leituras da realidade por intermédio de lentes de interpretação”.<sup>14</sup> Isso implica em dizer, que a cosmovisão se fundamenta num sistema de crenças; e essa forma a visão de mundo do indivíduo que o direciona.

Cabe ressaltar aqui, que quando o indivíduo pauta sua visão nas percepções humanas, ela se torna limitada e finita, porque é sabido que o ser humano não tem capacidade e nem controle sobre a existência. Afinal, no sistema de crença teísta, o ser humano é fruto da criação de Deus, e não, o criador.

Na leitura da cosmovisão cristã, o ser humano é considerado coroa da criação, que no dizer de Hiebert<sup>15</sup>, significa que ele é “a suprema criação de Deus”. Nele, está contida a imagem e semelhança do Criador, o que sinaliza para o valor atribuído por Deus no ato de criação do ser humano. Então, o ser humano encontra em Deus sua identidade e seu sentido para a vida.

A partir do processo da criação, pode-se afirmar que somente Deus pode ser fundamento interpretativo do mundo, porque em Deus é rejeitado todo reducionismo que insiste em apresentar as pessoas como um produto acidental “[...] de uma longa cadeia de acontecimentos. Elas são o centro da

<sup>12</sup> HIEBERT, Paul G. **Transformando cosmovisões**: uma análise antropológica de como as pessoas mudam. São Paulo: Vida Nova, 2016. p. 17.

<sup>13</sup> DOMINGUES, Gleyds Silva. **Visão de Mundo**: e a lente bíblica para ler a realidade. Curitiba: Discipular, 2020. ePub, não paginado.

<sup>14</sup> DOMINGUES, 2020, não paginado.

<sup>15</sup> HIEBERT, 2016, p. 312.

criação [...]”.<sup>16</sup> Essa é a cosmovisão cristã, ela “[...] rejeita uma perspectiva naturalista que reduz os humanos a seres socioculturais e psicológicos sem existência eterna [...]”.<sup>17</sup>

Na cosmovisão cristã as pessoas são importantes, não apenas em uma parte, mas sim em toda sua complexidade psíquica, emocional, corporal e espiritual. Ela considera a relação do ser humano com Deus, com ela mesma, com o outro e com a natureza criada. Por isso, a cosmovisão cristã se apresenta diferente das outras, pois a base construtiva dela tem início, desenvolvimento e fim em Deus, enquanto todas as outras foram originalizadas em reflexões meramente humanas, portanto, tão falhas como o ser humano é falho.

[...] para ser cosmovisão é preciso a presença de pressupostos que orientam a forma de o grupo social ler e interpretar a realidade [...] A cosmovisão, ainda, atinge mente e coração, visto que ela é portadora de significados construídos sobre questões essenciais [...] cosmovisão não pode ser considerada uma teoria, a qual tem como meta a sua comprovação [...] A cosmovisão não fala de um mundo ideal, mas de como é possível compreender o cosmos e a sua constituição.<sup>18</sup>

Paulo, o apóstolo, ao escrever para os romanos, registrou que “[...] o Reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, paz e alegria no Espírito Santo” (Rm 14.17). Essa frase desconstrói no leitor, a ideia sugestiva sobre o reino como um território ou comunidade governada por um rei. O apóstolo propõe a reflexão sobre o reino a partir do próprio Deus, assim como era no judaísmo antigo, bem como utilizado por Jesus.

As expressões “reino de Deus” e “reino dos céus” precisam ser lidas como sinônimos, levando em consideração que o evangelista Mateus, pelo fato, de escrever a judeus, reverenciando o nome divino, faça uso da expressão “reino dos céus”.<sup>19</sup> O termo comumente utilizado e consolidado no uso judaico era *malkut*. Esse termo “[...] como outros substantivos com a mesma estrutura, é propriamente um nome abstrato que significa ‘realidade’, ‘autoridade real’, ‘reinado’ ou ‘soberania’. A expressão ‘*malkut* dos céus’ indica que Deus reina

<sup>16</sup> HIEBERT, 2016, p. 312.

<sup>17</sup> HIEBERT, 2016, p. 312-313.

<sup>18</sup> DOMINGUES, 2020, não paginado.

<sup>19</sup> BRAY, Gerald. **Teu é o Reino**: uma teologia sistemática da oração do Senhor. São Paulo: Shedd, 2009.

como rei”.<sup>20</sup>

O termo “reino de Deus” é uma indicação direta à soberania de Deus; é um apontamento para a pessoa do Pai e não para um lugar repleto de elementos caracterizadores de um reino. Assim:

[...] a ideia moderna de “Reino”, acaba por perder “a chave do sentido dessa verdade bíblica antiga”, uma vez que, de modo muito diferente da ideia ocidental de “Reino”, “para a mentalidade hebraica é, acima de tudo, uma relação pessoal entre um rei e seu povo que está em questão”.<sup>21</sup>

*Basileia* é o termo grego encontrado em o Novo Testamento para falar sobre o reino, e esse é, também, ambíguo. Porém, ele também aponta para a pessoa de Deus e não para um lugar. Por isso, que Paulo, o apóstolo, declarou que o reino não é comida e nem bebida, pois esses elementos demonstram aspectos concretos de espaço e tempo. Mas, o reino faz referência a atributos, ou seja, justiça, paz e alegria.

De acordo com Ruppenthal Neto<sup>22</sup>, Jesus utiliza a expressão “reino de Deus”, como forma de apontar o governo do Rei, contudo, acrescenta um elemento peculiar:

[...] Deus não é chamado de “rei” pois não precisa ser entronizado. Deus já é rei – já está entronizado no céu (cf. Mt 5.34). A proclamação do Reino de Deus, portanto, não é um anúncio da coroação de Deus como rei de Israel, mas a vinda de um reinado já existente, o exercício de um rei já constituído, agora em uma nova dimensão. É assim que se compreende a segunda petição do Pai Nosso: “Venha o teu reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu” (Mt 6.10). Jesus, portanto, vale-se da ideia de um “reinado de Deus”, um poder e influência de um rei divino, cuja ação está presente no céu, e deve atingir a terra.<sup>23</sup>

Ao observar essas características, é possível perceber que, de fato, no ato de proclamar o reino de Deus (reino dos céus), não se está sendo feita referência a um lugar, nem mesmo ao céu, muito menos à igreja, mas sim, a extensão governamental de Deus sobre todas as nações. Por isso, o reino é visto como

<sup>20</sup> DODD, Charles H. **As parábolas do Reino**. São Paulo: Fonte Editorial, 2010, p. 33.

<sup>21</sup> RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. O reino de Deus na pregação de Jesus. **Revista Via Teológica**, v. 21, n. 42, dez. 2020. não paginado.

<sup>22</sup> RUPPENTHAL NETO, 2020, não paginado.

<sup>23</sup> RUPPENTHAL NETO, 2020, não paginado.

já/agora-não, porque ele está se expandindo momento após momento.

Jesus declarou que o “Reino de Deus” é chegado pelo fato dele expelir os demônios (Mt 12.28), isso indica que esse reino não se constitui em um poder abstrato, mas sim, como já foi dito, numa ação relacional pessoal com Deus em Cristo através do Espírito Santo. Portanto, ao proclamar o “Reino de Deus”, Jesus “[...] o caracterizava por considerar os homens vivendo em uma situação dominada pelo pecado, pelo mal e pela morte, da qual precisavam ser resgatados [...]”.<sup>24</sup>

O anúncio do Reino é a proclamação da esperança, mensagem já proferida pelos profetas do Antigo Testamento; esperança de restauração, alívio da dor e do sofrimento, extinção das mazelas em todas as áreas da existência humana, tudo pelo poder do governo de Deus sobre tudo e sobre todos, o que implica o princípio da soberania.

## 2. BEM-AVENTURANÇAS, COSMOVISÃO CRISTÃ E ÉTICA DO REINO

A dimensão formativa do ser humano é alcançada através do ensino, pois a ação de ensinar não se volta para si mesma, mas, antes, aponta para um objetivo, oportunizando condições de apropriar-se de um novo conhecimento e assim viver um processo de transformação. Grande parte dos ensinamentos de Jesus tem ligação direta com a conduta humana, e isso é muito claro na porção bíblica conhecida como sermão da montanha. Nesse sermão encontra-se uma cosmovisão cristã atrelada à ética do reino.

[...] O ensino de Jesus não é uma ética para os que aguardam o fim do mundo, mas para aqueles que já experimentaram o fim deste mundo e a vinda do Reino de Deus. A ética de Jesus é uma ideia moral expressa em termos absolutos e alicerçada em princípios religiosos fundamentais e eternos, pois o Reino de Deus é a vinda daquilo que é eterno para a esfera daquilo que é temporal.<sup>25</sup>

No capítulo 5 do Evangelho de Mateus, versículo 2 encontra-se a afirmação *ἐδίδασκεν αὐτοὺς λέγων*<sup>26</sup> (*pôs a ensinar a eles*), a ênfase está no ato de ensinar, porque o ensino é quem promove a formação dos indivíduos, ajudando-os a adquirir conhecimento e a se desenvolverem, assim como, auxilia na

<sup>24</sup> LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 71.

<sup>25</sup> LADD, 2003, p. 165.

<sup>26</sup> O Novo Testamento Grego Analítico.

interpretação dos eventos postos frente a eles, com o propósito de entender seus significados, assim como atribuir-lhes significação. Para se formar a cosmovisão cristã, é preciso sentar-se e ser ensinado pelo Mestre.

O ensino acontece nas relações, portanto ele é dialógico, um movimento onde os sujeitos comunicam uns aos outros, “[...] por isso não pode ser projetado de forma linear, autoritária, arbitrária, distanciada e impositiva [...]”.<sup>27</sup> É aproximando-se em amor, observando o outro como um Tu<sup>28</sup> e não como um Isso<sup>29</sup>, que essas características impositivas perdem espaço, e a dimensão relacional é aberta frente ao mestre e aprendente.

Existe no ser humano uma inclinação natural de se autoafirmar, a isso Paulo, o apóstolo, chama de orgulho (1Co 4.6), e nas nove bem-aventuranças é ensinado que a cosmovisão cristã convida a um esvaziamento de si mesmo. Interessante, que o termo grego mais comum para orgulho é *hubris*, porém, o apóstolo utiliza o termo *physioō*, e essa palavra “[...] tem o sentido literal de superinflado, inchado, distendido além do tamanho normal”<sup>30</sup>, ou seja, o esvaziamento de si mesmo é condição indispensável na cosmovisão cristã e na ética do reino de Deus.

A primeira qualidade da felicidade<sup>31</sup> do discípulo de Cristo é ser *πωχοὶ τῷ πνεύματι* (pobres de espírito). Essa, sem dúvida é a primeira das bem-aventuranças, porque carrega em si a verdade que contraria os valores da hipermodernidade<sup>32</sup>, valores afirmativos da grandeza e autossuficiência do ser humano; nessa cosmovisão, o ser humano é ensinado a depender exclusivamente dele próprio, rejeitando qualquer coisa fora dele. Mas Jesus

<sup>27</sup> DOMINGUES, Gleyds Silva. O ensino como referência da aprendizagem no contexto de Mateus 28:20. **Revista Via Teológica**. Curitiba: FABAPAR, 2019, p. 22.

<sup>28</sup> Conceito desenvolvido por Martin Buber para se referir ao sujeito como uma pessoa que se relaciona.

<sup>29</sup> Martin Buber usa esse conceito como contraponto do Tu, o Isso indica coisificação de si mesmo e do outro.

<sup>30</sup> KELLER, Timothy. **Ego Transformado**: a humildade que brota do evangelho e traz verdadeira alegria. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 16.

<sup>31</sup> O termo que a bíblia utiliza para falar de felicidade é *Makários*, a bíblia King James utilizada nesse artigo, assim como outras, traduzem *Makários* por Bem-aventurado. Essa tradução tem como significado felicidade, mas não uma *eudaimonia* (felicidade para os gregos). Enquanto *eudaimonia* se refere a coisas fora do sujeito o condicionando o tempo todo a correr atrás da felicidade, *Makários* é a felicidade que excede às circunstâncias, está ligado com o sentimento profundo de paz e alegria de ter sido Salvo por Jesus Cristo.

<sup>32</sup> Termo utilizado pelo pensador francês Lipovetsky. Para ele, hipermodernidade é um conceito para compreender o mundo contemporâneo. A modernidade não passou, apenas recebeu um “hiper”, uma elevação exponencial de seus valores: Mercado, Tecnologia e Individualismo.

inicia o discurso, afirmando categoricamente que a entrada no reino de Deus só é possível para aqueles vazios de si mesmos e plenos de Deus.

Essa passagem sinóptica encontra seu paralelo em Lucas 6.20; a construção utilizada por esse evangelista, proporcionou para alguns a abertura para uma interpretação equivocada dessa bem-aventurança. Enquanto o Evangelho de Mateus deixa claro que o *pobre é de espírito*, o de Lucas, apenas, diz os pobres. Com isso, muitos atribuíram méritos à pobreza material, de escassez de alimentos, roupas, objetos, moradias; contudo, esta interpretação está equivocada, pois em nenhum momento as Escrituras conferem tanta bondade assim a pobreza. “[...] A pobreza não serve de garantia da espiritualidade. Assim sendo, é patente que essa passagem não pode estar ensinando tal conceito [...]”.<sup>33</sup>

*Μακάριοι οἱ πτωχοὶ τῷ πνεύματι*<sup>34</sup> (felizes os pobres de espírito), a pobreza de espírito aponta para a ausência de orgulho, para a total dependência de Deus; pobre de espírito é aquele que entendeu que sua existência precisa estar em total submissão a Deus, dependendo de sua misericórdia e graça. Nisso consiste a pobreza de espírito, de não se firmar no fato de se ter uma família, ou posição social e muito menos riquezas, mas é a “[...] completa libertação de todas essas coisas, e todas elas precisam estar ausentes de nossas vidas”.<sup>35</sup>

O núcleo do ensino de Jesus é uma convocação à transformação; os seres humanos precisam viver uma alteração radical em seus relacionamentos, bem como na maneira como interpretam o mundo e condicionam sua forma de vida.

[...] tanto o Sermão da Montanha (Mt 5-7) quanto o Sermão da Planície (Lc 6.20-49) partem das bem-aventuranças e apresentam a nova ética anunciada por Jesus. É evidente que esta ética é o requisito básico para a entrada efetiva no Reino de Deus: “Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no Reino dos céus” (Mt 5.20). Porém, também se apresenta como uma forma de realização do próprio Reino de Deus no presente [...].<sup>36</sup>

Na ética do reino de Deus, o indivíduo esvazia-se de si mesmo para

<sup>33</sup> LLOYD-JONES, D. Martin. **Estudos no Sermão do Monte**. São José dos Campos: Fiel, 201, p. 38.

<sup>34</sup> Novo Testamento Grego Analítico

<sup>35</sup> LLOYD-JONES, 2011, p. 45.

<sup>36</sup> RUPPENTHAL NETO, 2020, não paginado

conseguir olhar para o próximo. Na ética do reino de Deus, o ser humano chora por causa da sua condição de pecador; chora porque o Espírito Santo lhe abriu os olhos, porém, é feliz, pois sabe que será consolado. Na ética do reino de Deus, o sujeito entende que ser manso/humilde é necessário para expressar a verdade de pertencer a um reino diferente. Na ética do reino de Deus, o indivíduo tem fome e sede de justiça, percebendo que precisa viver “[...] livre do próprio ‘eu’, em todas as suas horrendas manifestações, em todas as suas facetas [...]”.<sup>37</sup>

Na ética do reino de Deus, as pessoas carregam no seu coração as misérias dos outros e procuram agir em favor de supri-las. Na ética do reino de Deus, o ser humano condiciona toda sua vida para viver realmente para a glória de Deus – limpo de coração. Na ética do reino de Deus, o indivíduo entende que existe uma diferença entre ser passivo e pacificador; feliz é o que procura ter paz com todos, esses serão chamados filhos de Deus. Na ética do reino de Deus, o sujeito exulta por ser perseguido, insultado, caluniado por causa do Cristo, pois sabe que sua recompensa está nos céus.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação do sujeito através de uma cosmovisão cristã se apresenta como processo importantíssimo, pois o que condiciona o ser humano em suas ações são seus conjuntos de crenças, isto é, a maneira como se compreende e significa o fenômeno que determinará a sua conduta ética. Dessa forma, a cosmovisão cristã, foi colocada nesse artigo como uma ferramenta de interpretação e significação do mundo, a fim de dar uma orientação às pessoas.

Cosmovisão cristã e ética do reino de Deus alteram, sobremaneira, as relações sociais, porque a partir delas ocorre uma aproximação entre os indivíduos, e a aplicação dos seus princípios promove a transformação necessária para o desenvolvimento de uma existência curada. Contudo, se forem retirados esses princípios cristãos do meio da sociedade, verdadeiramente, a humanidade correrá para autodestruição, porque os princípios bíblicos olham para as pessoas como pessoas que precisam ser amadas e não como coisas a serem usadas.

Com relação à questão-problema: de que maneira o Sermão da Montanha expressa pressupostos éticos, os quais evidenciam a prática do bem viver e

<sup>37</sup> LLOYD-JONES, 2011, p. 71.

que são advindos da lente denominada cosmovisão cristã bíblica, indica que os ensinamentos têm natureza prática e relacional, evidenciando o sentido de alteridade presente em sua aplicação. E, ainda, esse jeito de olhar a ética, ou seja, como um princípio norteador universal, harmoniza valores humanitários com ensinamentos que valorizam as pessoas.

Na ética do reino de Deus, o sujeito deixa de ser olhado como um trampolim que projeta o crescimento do outro e passa a ser visto, realmente, como um semelhante, como um igual. A cosmovisão cristã e a ética do reino de Deus asseguram a totalidade a ser contemplada no ato formativo, visto que conferem um novo sentido ao processo de conhecer.

Observa-se, ainda, que a análise das Bem-Aventuranças é o meio de ir ao encontro de Deus. É no encontro com ele que todas as coisas são compartilhadas, é no diálogo com ele que se percebe a total dependência e necessidade de obedecê-lo, esvaziando-se a si mesmo, reconhecendo que o ser humano não é nada frente ao poder e à soberania de Deus, por isso, aquele que aceita e compreende tal verdade, entrega, confiantemente, a sua vida nas mãos do Pai para poder ter vida abundante.

Este é o tempo e o momento de apresentar incansavelmente a cosmovisão cristã e a ética do reino de Deus, a partir do encontro com o ensino de Cristo e da felicidade do esvaziamento de si mesmo. Isso é compreender o sentido expresso nos princípios contidos nas bem-aventuranças.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Coleção a obra-prima de cada autor, v. 53. 6.ed. São Paulo: Martin Claret, 2014.

BÍBLIA. Grego. **O Novo Testamento**: grego analítico. São Paulo: Vida Nova, 2007.

BÍBLIA. Português. **Novo Testamento – King James**: edição de estudo. São Paulo: Abba Press, 2007.

BRAY, Gerald. **Teu é o Reino**: uma teologia sistemática da oração do Senhor. São Paulo: Shedd, 2009.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. 10.ed. São Paulo: Centauro, 2001.

CORTELLA, Mario Sérgio. **Pensar bem nos faz bem!**: 2. família, carreira, convivência, ética. 3.ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Ferraz & Cortella, 2014.

DODD, Charles H. **As parábolas do Reino**. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

DOMINGUES, Gleyds Silva. **O ensino como referência da aprendizagem no contexto de Mateus 28.20**. Revista Via Teológica. Curitiba: FABAPAR, 2019.

DOMINGUES, Gleyds Silva. **Visão de Mundo: e a lente bíblica para ler a realidade**. Curitiba: Discipular, 2020. ePub. Disponível em: Visão de Mundo e a Lente Bíblica para ler a realidade (Portuguese Edition) - Kindle edition by Silva Domingues, Gleyds , Pereira de Moraes, Dr. Reginaldo . Religion & Spirituality Kindle eBooks @ Amazon.com.

GEISLER, Norman L. **Ética Cristã: alternativas e questões contemporâneas**. 13.ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

HIEBERT, Paul G. **Transformando cosmovisões: uma análise antropológica de como as pessoas mudam**. São Paulo: Vida Nova, 2016.

LLOYD-JONES, D. Martin. **Estudos no Sermão do Monte**. São José dos Campos: Fiel, 2011.

KELLER, Timothy. **Ego transformado: a humildade que brota do evangelho e traz verdadeira alegria**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003.

RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. O reino de Deus na pregação de Jesus. **Revista Via teológica**, v. 21, n. 42, dez. 2020. Disponível em: O Reino de Deus na Pregação de Jesus - Fabapar. Acesso em: 19 nov. 2021.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional